

A REALIZAÇÃO DOS SONS RÓTICOS EM CODA SILÁBICA NA VARIEDADE DE PORTUGUÊS DE CAMPOS BELOS (GO)

Carlos Fernandes Alves¹
Junia Januaria Garcia²

Resumo: A língua expressa as características de um povo. É por meio dela que o homem expõe seu mundo interior e constrói relações sociais. Nesse sentido, o presente trabalho tem como objetivo analisar a realização dos sons róticos em posição de coda silábica (medial e final) na fala de 16 moradores de Campos Belos (GO), na faixa etária de 15 a 70 anos, com notas descritivas sobre tais sons, quantificando-os à luz da sociolinguística variacionista e colocando em pauta a multiplicidade linguística da comunidade. Como aparato teórico utilizamos os seguintes autores: Marcos Bagno (2008), Amadeu Amaral (1976), Demerval da Hora (2009), Ladefoged & Maddieson (1996), William Labov (2008), entre outros que auxiliaram no fomento da pesquisa. Neste contexto, os dados da pesquisa apontaram diversas variações no que diz respeito às consoantes róticas, dentre elas, a fricativa glotal surda [h] como mais recorrente, em coda medial, seguido do tepe alveolar sonoro [r]. Em coda final, os dados indicaram apagamento em todas as realizações. Quanto aos participantes, apesar de serem divididos em variáveis como sexo, faixa etária e nível de escolaridade, constatou-se que a escolaridade demarca as variações, mesmo que em menor parcela.

Palavras-chave: Sociolinguística. Róticos. Campos Belos (GO).

PALAVRAS INICIAIS

A Sociolinguística já demonstrou que toda língua possui suas especificidades, cada língua possui variações que a distingue das outras, seja pela pronúncia ou por diferenças lexicais usadas em cada região ou localidade. E é por meio dela que contruímos relações sociais, desde o balbuciar das primeiras palavras aos grandes discursos eloquentes.

Com base nesta visão, o presente trabalho procura expor e analisar a realização dos sons róticos em coda silábica, quer seja medial, quer seja final, a fim de descrevê-los e quantificá-los de acordo com o processo sociolinguístico. Entrementes, serão entrevistados 16 participantes, levando em consideração as variáveis de sexo, nível de escolaridade e faixa etária. A exigência mínima é que os informantes tenham, no mínimo, 15 anos de residência da comunidade de fala pesquisada, ou seja, em Campos Belos (GO).

¹ Graduado em Letras – Português/Inglês pela Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Campos Belos. Discente do Curso de Letras – Espanhol, Centro Universitário Estácio de Ribeirão Preto. Docente da Rede Estadual de Ensino do Estado de Goiás. Contato: carlosfnds18@gmail.com

² Mestre em Linguística pela Universidade de Brasília. Docente do Curso de Letras da Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Campos Belos, e da Rede Estadual de Ensino do Estado de Goiás. Contato: junia.jgarcia@yahoo.com.br

O interesse da pesquisa partiu do conhecimento da pluralidade cultural, pelo fato da região e o município possuírem pessoas de diversas localidades do país que para cá trouxeram consigo suas variantes. Ao mesmo tempo, pela presença de outras culturas: a africana e a quilombola, que por si só já trazem um vasto bojo cultural e linguístico. Dessa forma, nosso trabalho versará sobre as variações do /r/ no falar camposbelense.

O que diz a literatura sobre os sons róticos

Há diversos estudos sobre a realização dos sons róticos em locais diferentes da sílaba. E cada pesquisa aponta variações diferentes, quando considerados uma gama de fatores (extra) linguísticos. Amaral (1976), como supramencionado, desponha-se por afirmar que a variante retroflexa [ɹ] torna-se estigmatizada na fala dos paulistas, caracterizando-a como parte do dialeto caipira. Dessa forma, nosso intuito neste artigo é apresentar as possíveis variantes que o /R/ pode possuir em cada lugar que ocupa na sílaba, além de elucidar o seu estatuto fonético e fonológico no PB.

Segundo Ladefoged & Maddieson (1996), as consoantes róticas são representadas ortograficamente pelo fonema /R/ e podem ser produzidas por diferentes modos de articulação, nas quais temos os vibrantes (trills), tepes (taps ou flaps), fricativas e aproximantes, ao passo que são articulados em vários locais do aparelho fonador.

(...) os termos róticos e sons de “r” são amplamente baseados no fato de que esses sons tendem a ser escritos com um caracter particular nos sistemas ortográficos derivados da tradição greco-romana, nomeadamente a letra r ou sua contraparte grega rho (LADEFOGED; MADDIESON, 1996, p. 215, *tradução nossa*).

Nesse contexto, devido esta ambivalência, nem o modo de articulação e nem o ponto de articulação são suficientes para fomentar a classe das róticas, fato que suscita interesse dos linguistas em mergulhar nesse campo de pesquisa e áreas relacionadas. Ladefoged & Maddieson (1996) tentam encontrar características que auxiliam na definição desta classe.

Antes de discutirmos a respeito do /R/ no PB, faz-se necessário explanarmos sobre as características que outrora tivera no latim. Torna-se imperativo essa abordagem, pois, como já citamos ao longo do trabalho, o português se originou de uma variação do latim. Neste retorno às entrelinhas da Fonética Histórica, nos esbarramos em Ismael de Lima Coutinho (1976) com seus importantes estudos referentes às modificações e quedas sofridas pelos fonemas, na passagem do português para o latim. Coutinho (1976, p. 101) ainda reitera que não se trata de

linguagem técnica, “porque não é o som que se modifica, mas os órgãos do aparelho fonador que dispõem de outro modo para emitirem”.

Sublinha-se que esses processos são intrínsecos a quaisquer línguas, ao passo que se tratam de línguas vivas e, portanto, passíveis de modificações, sejam elas de naturezas diversas. Neste ponto, encontra-se também o fonema /R/.

O “r” evoluiu junto às demais consoantes, mas verificamos que ele é um dos mais estudados no ramo da Fonética e Fonologia, visto que não foram encontrados aspectos contundentes que o define. Enquanto consoante inicial, não sofreu modificação na passagem do latim para o português, como pondera Coutinho (1976, p. 111), exceto, quando decorrente de processos analógicos. Já em posição medial, houve algumas modificações do latim para o português “a queda do –r em *prora* > *proa*, *coriandru* > *coendro*³ (pop)” (COUTINHO, 1976, p. 116). Em outra via, em posição final no latim, o “r” passa por metátese, isto é, se desloca para junto da consoante anterior: *semper* > sempre; *inter* > entre.

Além das modificações acima, o /R/ pode ser tomado como pertencente à grupos consonantais, ou seja, no momento que há duas consoantes juntas no padrão silábico CCV. Nesse contexto, no ponto de vista fonológico, o [r] ‘tepe’ combina-se somente com as oclusivas e fricativas, como defende Mateus & Andrade (2000, p. 15).

Ladefoged & Maddieson (1996), em *The sounds of the word’s language*, confirma que as variações do /R/ podem ser encontradas em diversos idiomas do mundo. Nessa conjuntura, reportemos às características fonológicas do /R/ no latim apontadas por Eurico Back (1970) em seu trabalho sobre a evolução do sistema de consoantes portuguesas, na qual revela que o /R/ era realizado como apical e de forma geminada: vibrante simples [r] e vibrante geminada [rr], mas ao longo do tempo, foram agregando outros aspectos.

As **consoantes geminadas** foram interpretadas como sequência de dois **fonemas iguais**, realizando-se o primeiro como alofone implosivo; o segundo, como alofone explosivo. Caía, portanto, a fronteira silábica entre os dois fonemas. Foneticamente, porém, se produzem por uma única articulação e se distinguem por sua qualidade de longas em confronto com as simples, breves. (BACK, 1970, p. 33, *grifos nossos*)

³ Processo também explicado pelos metaplasmos, que explicam as transformações fonéticas decorrentes da evolução das palavras. Neste caso, em específico, temos a dissimilação, na qual houve a queda do –r (pode ser qualquer fonema – vocálico ou consonantal – desde que seja igual ou semelhante à palavra de origem) (COUTINHO, 1976, p. 145).

Observamos, diacronicamente, que os róticos no latim tinham somente uma articulação e ao passar para o galego-português ganhou outros fones, no entanto, mesmo assim continuava sendo apical, com traços distintivos de vibrantes.

Em português, quando tratamos dos sons de /R/ nos embasamos primariamente nos contrastes fonêmicos do “r fraco” e o “r forte”. Cristóvão Silva (2008) discute que essa dualidade só acontece em posição intervocálica: “caro/carro”; “careta/carreta”. Nesses casos (caro, careta), conforme Silva (2008, p. 159), o “r fraco” “manifesta-se foneticamente como tepe ou vibrante simples em qualquer dialeto do português: [r]. Já o “R forte” acontece em início da sílaba medial (carro, carreta) e sua postura fonética pode variar de dialeto para dialeto, assim, ele pode se manifestar como fricativa [χ, γ, h, ð] e retroflexa [ɻ].

Nesta perspectiva, além da posição intervocálica, Silva (2008) elucida os demais contextos em o “r fraco” e o “R forte” pode acontecer, mas lembramos que não há contrastes fonêmicos nestes ambientes.

Quadro 1. Contexto dos róticos no português

• “r fraco”	
Entre vogais: caro	/ˈkaro/
Segundo consoante na mesma sílaba: prato	/ˈprato/
• “R forte”	
Entre vogais: carro	/ˈkaRo/
Início de palavra: rato.	/ˈRato/
Segundo consoante em outra sílaba: Israel	/iSRaˈɛl/
• “Arquifonema /R/”	
Final de palavra: mar	/ˈmaR/
• Final de sílaba: carta	/ˈKaRta/

Fonte: Elaborado pelo autor - adaptado de SILVA (2008, p. 160).

Ao analisar as proposições de Silva (2008) acima, verificamos que nosso foco de estudo se concentra no “R posvocálico” no final da sílaba, isto é, em posição de coda, tanto em posição medial quanto final e, também, é nesse contexto que “r fraco” e o “R forte” têm contraste fonêmico neutralizado, pois diversos alofones podem ocupar esta posição, portanto, o segmento pode ser ocupado por um “r fraco” ou “R forte”.

Figura 1. As róticas no PB.

Fricativa	Dental	Alveolar	Retroflexa	Velar	Uvular	Glotal
desv				X	χ	h
voz				Y	ʁ	ɦ
Tepe	r					
Vibrante	r					
Aproximante		ɹ	ɻ			

Fonte: Silva, 2008 (In: SILVA, 2016, p. 25).

Na figura acima, concentram-se os sons do /R/ segundo a visão de Cristóvão Silva (2008). Cada um destes é característico de alguma região do Brasil, sob o prisma da sociolinguística, a qual respaldam-se, sobretudo, em preceitos extralinguísticos. Por exemplo, temos a variante fricativa, que é uma marca dos falantes do Rio de Janeiro (RJ), por outro lado, a variante tepe [r] que é encontrada em algumas cidades de São Paulo (SP)⁴.

A Coda

Assim, chegamos ao local de estudo dos róticos: a coda. Coda é termo adotado pela fonologia autosegmental para designar a consoante que ocupa a posição final da sílaba. E também, é nessa posição que acontece o travamento da sílaba. No PB não é qualquer segmento que pode ocupar esse lugar, Câmara Jr (2002) citado por Hora (2009) enfatiza que os padrões silábicos CV e CVC só podem ter a coda preenchida pelas consoantes /l/, /r/, /S/, /N/, estas duas últimas grafadas em letras maiúsculas são os arquifonemas, ou seja, não possuem valor distintivo; e, também pelas semivogais – os aproximantes – [j] e [w]⁵.

Segundo Seara et al (2011, p. 97), “esta posição posvocálica pode ser ocupada por uma ou mais consoantes. Quando há apenas uma consoante nessa posição, temos a coda simples, quando há duas ou mais consoantes, temos a coda complexa”. A coda simples, ainda segundo a autora é ocupada por /N/, /S/ e /R/, não citando o /l/. Já a coda complexa é pouco produtiva no PB, conforme defende Hora (2009); em posição medial aparece com mais frequência, grosso modo, será ocupada pelo segmento “s”, por outro lado, em posição final pode exibir o segmento “x”, com sonoridade de [ks].

⁴ Pesquisa presente na Literatura do PB (GREGIO, 2008).

⁵ Advirtamos que não trataremos do preenchimento da coda pelas semivogais, visto que nosso intuito é situar as róticas neste contexto.

Destarte, as consoantes róticas aparecem neste contexto como sons extremamente variáveis, sendo algo de muitas pesquisas e análises. Outrossim, Callou et al (1996) citado por Dermeval da Hora (2009), em suas análises das róticas em cinco capitais do Brasil, diagnosticam que o apagamento destas em posição posvocálica em coda final é maior que no interior da palavra, isto é, em coda medial.

Contexto da pesquisa – O bojo linguístico de Campos Belos (GO)

A variedade do português goiano é latente ao passo que acompanha as transformações linguísticas brasileiras. O estado possui também, segundo dados do Instituto Socioambiental, povos que falam Karajá e português, na qual reforça o caráter heterogêneo do estado. André Toral (1992) diz que é uma população com pouco mais de 2.400 pessoas, organizada em 20 comunidades, todas às margens do Araguaia em quatro estados: Goiás, Tocantins, Mato Grosso e Pará. No que tange à sua formação dialetal, conforme aponta Serafim Bueno (1958, *apud* HEAD, 1978), Goiás possui esta multiplicidade devido ao fato da disseminação do dialeto caipira trazido pelos bandeirantes paulistas de forma mais marcante, como dito noutra momento, pela presença da variante retroflexa.

Em suas pesquisas, Márcia Lima (2013) expõe as róticas em coda diagnosticadas dos estados brasileiros. Observa-se, que os sons de /R/ mais recorrentes são as fricativas velares [x, ʁ] e a aproximante retroflexa [ɻ]. É importante lembrar que elas representam as consoantes presentes nas metrópoles, mais próximas da capital e, com isso, veremos pós-análise dos dados se esta hegemonia se expande para as cidades interioranas.

Interiorizando nossas abordagens, constata-se também que o arcabouço linguístico de Campos Belos é bastante diverso e desponta desde a formação do município até a atualidade. Muitas pessoas de diversas partes do mundo contribuíram para esta construção, se nos reportarmos à época do surgimento da cidade. Segundo os dados do IBGE, a população camposbelense é resultado de descendentes de famílias portuguesas que moravam na região, além de outros que passaram e deixaram suas marcas, sobretudo, linguísticas e culturais.

Samuel da Silva e Odiva Xavier (2004) esboçam esta miscigenação cultural que, conseqüentemente gerou uma formação dialetal diversa e preponderante.

Juntando-se a esse tronco seus descendentes e os primeiro baianos que chegaram a região e aqui se estabeleceram como agricultores, fazendeiros, comerciantes ou funcionários públicos, tem-se os fortes galhos dessa árvore

populacional, que continuou agregando famílias de outros estados do Nordeste, do Norte, do Sudeste e do Centro-Oeste do Brasil. Até nissei e norte-americano passaram por Campos Belos, deixando sua marca. Percebe-se, hoje, na população local um misto de culturas goiana, mineira, nordestina, gaúcha, paulista... uma miscigenação que integra raças e costumes diferentes. (SILVA; XAVIER, 2004, p. 47).

Neste excerto percebemos a confluência de culturas que definem a população de Campos Belos e, cada uma destas citadas possui características linguísticas peculiares, fazendo com que o município não tenha sotaque definido. Aqui permeia nosso objetivo sobre o estudo dos sons de /R/, pelo fato de Campos Belos não possuir um estatuto linguístico único.

Entrementes, pode-se verificar a localização de Campos Belos em meio aos dialetos brasileiros e as fortes influências que o dialeto baiano tem sobre o português falado no município supracitado. Dessa forma, os baianos foram responsáveis por boa parte da variedade presente em Campos Belos. Os diminutivos utilizados pelo município em questão são exemplos deste dialeto, assim como as palavras minimizadas e expressões, a saber, bichinho, bichadinha, painho e outras.

Por outro lado, reitera-se que o dialeto baiano não define a variante camposbelense por completo. Presente na fala destes moradores também, de acordo com os estudos de Garcia (2009, p. 245), as trocas ocorridas no interior da palavra, de [v] por [b] como ocorre em *travesseiro* > *trabisseiro* e *vassoura* > *bassoura*, que ocorrem em outras variedades de português brasileiro.

Destarte, Garcia (2009) defende que é precipitado acreditar que as variações existentes na região de Campos Belos advenham exclusivamente do dialeto baiano, uma vez que quanto mais as cidades afastadas dos grandes centros de desenvolvem, uma nova realidade é construída. Garcia (2009) defende haver muitas mesclas linguísticas nesse local, uma vez que sempre foi lugar de intensa circulação de diferentes povos.

Com tantas contribuições, o falar da região, antes quase todo provindo dos grupos negros, ficou diferente de todos que se tem notícia, por isso é difícil aceitar passivamente a generalização, como acontece com as diferenças do Brasil e esta variante incluída no dialeto baiano, nomenclatura que não abarca a complexidade de nosso dialeto regional, justamente em decorrência de uma mesclagem tão variada. (GARCIA, 2009, p. 245-246).

O processo de captação dos dados deu-se com 16 participantes, moradores dos mais variados setores do município. Contamos com o aceite dos informantes para a feitura das gravações, cujo modelo segue ao final deste. As gravações tiveram uma base na leitura de

gravuras e motivadas pelo diálogo. As figuras não seguiram uma linha de classificação morfológica. Por outro lado, utilizamos palavras que continham em sua estrutura consoantes róticas em posição de coda. Foram 25 palavras, 05 com cada núcleo silábico (a, e, i, o, u), a saber: carne, carteira, lagartixa, espingarda, carta, perna, esterco, verme, colher, mercado, circo, círculo, irmão, dormir, sorrir, porta, jornal, borboleta, esporte, trator, uso, curso, curto, abajur, curva.

Seguindo os preceitos sociolinguísticos, os participantes foram selecionados com base nas variáveis: sexo (masculino/feminino), escolaridade (ensino fundamental e médio) e faixa etária (15 a 65 anos). Uma exigência, seguida à risca, é que o participante tivesse pelo menos 15 anos de residência na cidade pesquisada. Compreendemos que, assim, sua fala seria fidedigna às variações que integram a variedade de fala da localidade onde se deu a pesquisa.

Análise dos dados coletados

Os dados coletados foram dispostos em tabelas nas quais se encontram as palavras utilizadas na pesquisa, assim como seus respectivos núcleos e demarcação dos róticos realizados (ou não) pelos participantes.

A fim de sistematizar, os dados vindos dos participantes de escolaridade de ensino fundamental se encontram na primeira tabela (a seguir) e os dados dos participantes de escolaridade ensino médio estarão dispostos em tabela posterior. Tal organização permite visualizar e nortearão nossas análises e comparações.

Quadro 2. Realização de /R/ dos participantes - nível fundamental.

Palavra	Núcleo	Realizações			
		[h]	[r]	Outras realizações	[Ø]
Carne	[a]	Todos			
Carteira		Todos			
Lagartixa		PMEF1, PMEF2, PMEF3, PMEF4, PFEF1, PFEF2		PFEF3	PFEF4
Espingarda		Todos			
Carta		Todos			
Perna		[e]	Todos		
Esterco	PMEF4, PFEF1, PFEF4		PMEF1, PMEF2, PMEF3, PFEF2, PFEF3		
Verme	Todos				

Colher					Todos	
(super) mercado		Todos				
Circo	[i]	PMEF1, PMEF2, PMEF4	PMEF3, PFEF1, PFEF2, PFEF3, PFEF4,			
Círculo		Todos				
		PMEF1, PMEF2, PMEF3, PMEF4, PFEF1, PFEF2, PFEF3		PFEF4		
Irmão						
Sorrir					Todos	
Dormir					Todos	
Porta	[o]	Todos				
Jornal		Todos				
Borboleta		Todos				
Esporte		Todos				
Trator						Todos
Urso	[u]		PFEF1, PFEF3		PMEF1, PMEF2, PMEF3, PMEF4, PFEF2, PFEF4,	
		PFEF3	PFEF1			PMEF1, PMEF2, PMEF3, PMEF4, PFEF1, PFEF3,
Curso		Todos				
Curto						Todos
Abajur						
Curva		PMEF3, PMEF4, PFEF3	PMEF1, PFEF1, PFEF2	PMEF2	PFEF4	

Fonte: Elaborado pelos autores

Essa primeira tabela mostra os resultados das gravações dos participantes com ensino fundamental. Os dados demonstram que a palavra ‘carne’ foi produzida por todos os participantes como ['kah.ni], isto é, o rótico recorrente e predominante com o núcleo [a] foi a fricativa glotal surda [h]. O mesmo aconteceu com as palavras ‘carteira’, ‘carta’ e ‘espingarda’ realizadas por todos os informantes de nível fundamental como ['kah.te.rɛ], ['kah.tɛ] e [is.pĩ.'gah.dɛ], respectivamente com o glotal em coda medial.

Algumas observações vão para as realizações dos róticos na palavra ‘lagartixa’, na qual houve a presença tanto da fricativa glotal surda [h]: [la.gah.'tʃi.fɐ] pela maioria dos participantes; assim como o apagamento do PFEF4 [la.ga.'tʃi.fɐ] e, ainda, a substituição do rótico pela fricativa alveolar sonora [s] em [la.gas.'tʃi.fɐ].

Ressaltamos que o nosso foco é o rótico, assim, as demais variações em outros campos não serão explicadas, por exemplo, o aproximante [j] na palavra ['kah.tej.rɛ] do PFEM1, não será alvo de exposição e discussão.

Com o núcleo [e], os dados nos mostram a predominância do glotal [h] nas palavras ['veh.mi] ‘verme’, ['pɛh.nɐ] ‘perna’, [meh.'ka.du] ‘mercado’. Por outro lado, na produção da palavra [is.'ter.ku] ‘esterco’ 5 dos 8 participantes realizou o tepe [r]. E, em coda final, representado pela produção de [ku.'λɛ] ‘colher’, houve apagamento por todos os informantes, além de ser a palavra que mais variou no grupo.

Nas palavras com núcleo [i], aquelas localizadas em coda final, constatou-se apagamento por completo, como diagnosticamos em [sox.'i] ‘sorrir’ e [duh.'mi] ‘dormir’. Nesta última, há o rótico [h] em coda medial, que prevaleceu. Nas demais, como em ‘circo’, 5 participantes produziram com tepe [r] ['sir.ku], na palavra ‘circulo’ todos os participantes usaram o glotal [h]. O participante PFEF4 substituiu o /r/ por [s] pronunciando como [iz.'mãu].

A presença massiva do glotal [h] em coda medial tem seu clímax nas palavras com núcleo [o], ['pɔh.tɐ], [boh.bo.'le.tɐ], [is.'pɔh.tʃi] e [jɔh.'nau], deixando como exceção o apagamento da coda final em [tra.'to], feito por todos.

Por fim, as produções com núcleo [u] foram as que mais apagaram o /r/ em coda, medial e final, durante sua emissão, com notas para [u.'su] ‘urso’, ['ku.su] ‘curso’ e [a.ba.'ju] ‘abajur’. No entanto, os PFEF1 e PFEF3 foram os únicos que pronunciaram ‘urso’ com o [r]. Em ['kuh.tu] ‘curto’, mais uma vez a presença latente do glotal e, um fato preponderante, o participante PFEF2 transformou o /r/ em glide ['kuj.vɐ], alocado em “outras realizações”.

Quadro 3. Realizações de /R/ dos participantes - nível médio.

Palavra	Núcleo	Realizações			
		[h]	[r]	Outras realizações	[∅]
carne	[a]	todos			
carteira		todos			
lagartixa		PMEM1, PMEM2, PMEM3, PMEM4, PFEM3, PFEM4			PFEM1, PFEM2
espingarda		todos			
carta		PMEM1, PMEM2, PMEM3, PMEM4, PFEM1, PFEM2, PFEM4			PFEM3
perna		[e]	todos		
esterco	todos				
verme	todos				
colher					todos

(super) mercado		PMEM1, PMEM2, PMEM3, PMEM4, PFEM1, PFEM2, PFEM4	PMEM4, PFEM4		
circo		PFEM3, PFEM4	PMEM1, PMEM2, PMEM3, PMEM4, PFEM1, PFEM2		
círculo	[i]	PMEM1, PMEM2, PMEM3 PMEM4, PFEM1, PFEM2, PFEM3	PMEM4		
irmão		todos			
sorrir					todos
dormir					todos
porta	[o]	todos			
jornal		todos			
borboleta		PMEM1, PMEM2, PMEM3 PMEM4, PFEM1, PFEM2, PFEM3	PMEM4		
esporte		todos			
trator					todos
urso			PMEM2, PMEM3	PMEM4	
curso	[u]	PMEM2, PMEM3, PFEM2 PFEM3, PFEM4	PMEM4		PFEM1, PMEM1
curto		todos			
abajur					todos
curva			PMEM1, PMEM2, PMEM3, PMEM4, PFEM1, PFEM2, PFEM3	PMEM4	

Fonte: Elaborado pelos autores.

Os dados dos informantes de ensino médio apresentam algumas semelhanças e contrastes com os do ensino fundamental. No que diz respeito aos róticos com núcleo [a], os resultados são os mesmos, o glotal presente em ['kah.ni], ['kah.te.rɐ] e [is.pĩ.'gah.dɐ]. Destarte, alguns informantes, a saber, PFEM1 e PFEM2 apagaram o rótico da palavra [la.ga.'tʃi.fɐ]. Por último, somente o participante PFEM3 realizou o /r/ como fricativa velar sonora [ɣ] na palavra ['kay.tɐ] 'carta', os demais, como glotal.

Diferentes das produções dos informantes de nível fundamental, a palavra 'esterco' de núcleo [e] não sofreu variação no que tange ao /r/, todos realizaram como glotal. A variação recaiu sobre [su.pɛh.mɛ.'ka.dɔ] '(super) mercado', na qual fora produzido por dois participantes como tepe. Nesse contexto, vemos que quando uma palavra tem dois róticos em

coda medial, um tende a ser apagado, no caso, o segundo. Outra semelhança encontrada foi o apagamento do [r] em [ku.'lɛ] 'colher' em ambos os níveis de escolaridade.

Já naquelas com núcleo [i], os dados apontam a presença do tepe em ['sir.ko] 'circo', em sua maioria e glotal [h] em ['sih.ku.lɔ] 'circulo' e [ih.'mãũs]. Mais uma vez, o /r/ localizado em coda final foi apagado nas palavras 'sorrir' e 'dormir'.

As características apreendidas com as palavras de núcleo [o] se manifestaram de maneira idêntica aos dados dos informantes de nível fundamental, a maioria utilizou o glotal em 'borboleta', exceto o participante PMEM4, que produziu o [r]. Do mesmo modo, todos reproduziram o [h] também em 'porta', 'jornal' e 'esporte. Por outro lado, apagaram o /r/ em 'trator'.

Verificando as ocorrências com do /r/ com núcleo [u], os dados nos mostram que seu apagamento em [u.'sɔ] 'urso' se repete na mesma proporção. No entanto, em ['kuh.sɔ] 'curso', o glotal [h] desponta, bem como em ['kuh.tɔ] 'curto' e ['kuh.vɛ] 'curva'. Neste contexto, mais uma vez o PMEM4 usa o [r] em 'urso' e 'curso'. A maioria dos dados deste participante manifestou-se como tepe.

Faz-se mister, nesta conjuntura, contrastar os dados captados com alguns apontamentos teóricos relevantes. Ao desenrolar da nossa análise, ratificamos o que Marco Antônio de Oliveira (1983, *apud* HORA, 2009, p. 39) dissera em sua tese *Phonological variation and change in Brazilian Portuguese: the case of the liquids*.

[...] O apagamento é muito mais freqüente e saliente em posição de final de palavra do que no interior da palavra; b) sua ausência em final de palavra é **mais comum em verbos do que em não-verbos**; c) de acordo com alguns relatos, o apagamento está relacionado a falantes de classe mais baixa e é considerado um vulgarismo; d) o apagamento é um processo variável, sujeito a condicionamento fonológico. (OLIVEIRA *apud* Hora, 2009, p. 39, *grifos nossos*).

Os dados demonstram e exemplificam este excerto, no qual durante a análise constatou-se que os todos os participantes não realizam o rótico em coda final nos verbos 'sorrir, dormir' e, ao mesmo tempo, nos não-verbos: 'colher e trator'. Esse fator independe da variável escolaridade, sexo e faixa etária.

Do mesmo modo, verifica-se após a disposição dos dados, que a variável sexo não influenciou na realização, tampouco na diferenciação dos róticos. Por outro lado, a variável escolaridade marcou algumas distinções, por exemplo, o número de outras realizações fora do contexto das róticas, a saber em [la.gas.'tʃi.ʃɛ], [iz.'mãũ] e ['kuj.vɛ].

Realização	Coda medial	Coda final
[h]	82%	-
[r]	9,1%	-
Outros	1,3%	-
Zero fonético	7,6%	100%

Quadro 4. Percentual de variantes pesquisadas Fonte: Elaborado pelos autores.

No quadro acima, estão alocados labovianamente os dados da nossa pesquisa, isto é, os róticos quantificados em formas de percentuais. Assim, percebe-se que a fricativa glotal surda é a mais recorrente no município pesquisado. Tal confirmação se contrapõe às premissas defendidas por Lima (2013) a respeito das róticas no estado de Goiás, na qual defende as fricativas velares [x, ʁ] e a aproximante retroflexa [ɻ] estão mais presentes.

Apesar das pretensões de estudos não ser os róticos, exclusivamente, Garcia (2013), quando teceu análises sobre os padrões silábicos da variedade em que Campos Belos (B) está circunscrita, encontrou, grosso modo, apontamentos que coadunam e dão veracidade aos dados obtidos por esta pesquisa. Conforme defendido por Garcia (2013),

Observa-se que as codas das sílabas internas desta variedade B são [s], [h] e [r] e os aproximantes [j] e [w]. Entre os róticos nas codas da variedade B, devemos salientar o segmento [h] como o mais recorrente, como se pode notar em [seh'tãw] 'sertão' (BBM), [toh'ne.ra] 'torneira' (BBF). (GARCIA, 2013, p. 67)

Neste ínterim, os sons róticos da comunidade de Campos Belos não são os mesmos das cidades próximas da capital, na qual o retroflexo está em voga. Com isso, expomos à baila as diferenças dialetais no que se refere ao uso do /r/, mas não como pesquisa engessada, pelo contrário, como mais uma que descreve o falar camposbelense de forma clara e objetiva.

PALAVRAS FINAIS

Ao longo deste trabalho, discutimos sobre a realização dos sons de /r/ no fim das sílabas iniciais, mediais ou finais, haja vista que é o local onde o som é extremamente variável. Dessa forma, verificamos as ocorrências destes sons na variedade de português de

Campos Belos (GO), por ser uma comunidade que apresenta um bojo linguístico múltiplo. Por exemplo, a palavra ['kuh.vɐ] 'curva' fora pronunciada algumas vezes com o rótico diferente, ao passo que um participante o transformou em glide ou houve o apagamento deste.

Nesta perspectiva, também constatamos que a variável escolaridade foi a que mais colaborou para a variação do /r/ mesmo que em pouca proporção. Além da ocorrência oponente do som glotal [h], damos crédito também às outras variações presentes na pesquisa, como pertencente a um aporte linguístico que caracteriza a região de Campos Belos. Toda essa análise foi amparada em literaturas especializadas que corroborou para resultados precisos e fiéis.

Os participantes de nível fundamental apresentam mais variações róticas que os do nível médio, e foram os mais delicados de capturar os dados, uma vez que os mesmos passavam por lapsos de memórias, às vezes, não reconhecendo também as figuras, fazendo com que intervenções naturais fossem feitas para a apreensão do som desejado. Apesar disso, a receptividade foi a marca dos informantes deste nível, sempre cordiais e com satisfação em ajudar, estampado em seus sorrisos.

Outro fato importante é que a maioria dos participantes de nível fundamental já viveram em outros estados com seus familiares, em São Paulo, Maranhão e Bahia, no entanto, os sons por eles produzidos não possuem semelhanças com aqueles que foram taxados para estes estados. Torna-se primordial elencar essas diferenças de uma localidade para outra.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, A. **O dialeto caipira**. São Paulo: Hucitec, 1976. (Edição original: 1920).
- BACK, Eurico. A evolução do sistema das consoantes portuguesas. **Revista Letras**. Curitiba, UFPR, v. 18, p. 13-46, 1970.
- BAGNO, Marcos. **Nada na Língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola editorial, 2008.
- CALLOU, D.; MORAES, J. A.; LEITE, Y. **Apagamento do R final no dialeto carioca: um estudo em tempo aparente e em tempo real**. DELTA, vol 14. São Paulo. 1998.
- COUTINHO, Ismael de Lima. **Pontos da Gramática Histórica**. 7ª Ed. rev. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.
- GARCIA, Junia Januaria. **Os padrões silábicos das variedades de português da região de Campos Belos, Goiás**. Dissertação de Mestrado, Brasília, UnB, 2013.
- _____. A formação do dialeto na região de Campos Belos. In: CAMARGO, Flávio Pereira; FRANÇA, Vanessa Gomes (orgs). **Estudos sobre Literatura e linguística: pesquisa e ensino**. 1ª edição. São Carlos: Charaluz, 2009, 288p.
- GREGIO, Fabiana Nogueira, Variantes do “r” em posição de coda silábica: um estudo fonético-acústico. **Revista Intercâmbio**, v. XXVI: 80-94. São Paulo: LAEL/PUCSP, 2008.
- HEAD, Brian F. Subsídios do Atlas Prévio dos Falares Baianos para o estudo de uma variante dialetal controvertida. **Caderno de Estudos Linguísticos**, n. 1, p. 21-34, 1978.
- HORA, Demerval da. **Fonética e Fonologia**. Fascículo do II Curso de Letras, UFPB, publicado em 12/07/2009. Disponível em: portal.virtual.ufpb.br/bibliotecavirtual/files/ Acesso em setembro de 2017.
- LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. de M. Bagno; M. M. P. Scherre; C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].
- LADEFOGED, P; MADDIESON, I. **The sounds of the word’s language** . Oxford: Backwell, 1996.
- LIMA, Márcia Maria de Oliveira. **As consoantes róticas no português brasileiro com notas sobre as róticas das variedades de Goiânia, Goiatuba e Uberlândia**. Brasília: UnB, (dissertação de mestrado), 2013.
- MATEUS, M. & ANDRADE, E. **The phonology of Portuguese**. New York: Oxford, 2000.
- SILVA, Samuel Aureliano da; XAVIER, Odiva Silva. **Campos Belos: sua história sua gente**. Brasília: Editora Ser, 2004.

SILVA, Thaís Cristófaró. **Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos** e Curitiba, UFPR, v. 18, p. 13-46, 2008.

TORAL, André Amaral de. **Cosmologia e Sociedade Karajá**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1992.